

A Prática

Entregando
um trabalho
criativo

SETH GODIN



ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2021

Confie Em
Seu *Eu*

AMOSTRA

Difundindo, porque o que não se compartilha não tem valor.

Criativo, porque você não é uma roda dentada na engrenagem do sistema. Você é alguém que cria e soluciona problemas, um líder generoso, que faz as coisas serem melhores disponibilizando um novo modo de seguir em frente.

O trabalho, porque não se trata de um passatempo. Você pode não receber remuneração alguma, ao menos não de imediato, mas você o encara profissionalmente. Não é uma questão de musas, desculpas são evitadas, e o trabalho, por si só, é o motivo de estar aqui.

Perdida em meio a todo o ruído ao nosso redor está a verdade já comprovada sobre a criatividade: ela é o resultado do desejo — o desejo de encontrar uma nova verdade, de resolver um problema antigo ou de servir a outra pessoa. A criatividade é uma escolha, não algo vindo de fora.

Há uma prática, à qual todos temos acesso, que consiste em assumir um método de criação que esteja a serviço do melhor. A prática não é um meio para se chegar a uma saída, a prática *é* a saída, uma vez que ela é tudo que somos capazes de controlar.

A PRÁTICA

A prática exige comprometimento na abordagem de nosso processo. Há nela o reconhecimento de que a criatividade não é um evento, mas simplesmente é aquilo que fazemos, independentemente de nossa maior ou menor disposição. A esse propósito, a escultora Elizabeth King expressou-se primorosamente: “O processo nos resguarda da pobreza de nossas intenções.”

Então, mãos à obra. Desenhe uma coruja. Torne as coisas melhores. Sem considerar se dará certo desta vez. A prática o conduzirá até onde quer ir de uma maneira melhor do que qualquer outro caminho. E à medida que você se dedicar à prática, fará jus ao seu potencial e ao apoio e à gentileza de todos os que o precederam.

1. É Possível

Este livro é para pessoas que desejam liderar, escrever ou cantar.

Para pessoas que buscam ensinar, inovar e resolver problemas interessantes.

Para pessoas cujo propósito seja se tornar um terapeuta, um pintor ou um líder.

Para pessoas como a gente.

É possível. As pessoas que estiveram por aqui antes de nós conseguiram se fazer ouvir e ser vistas, e fizeram a diferença. Ainda que cada passagem pela Terra tenha características únicas, cada uma delas obedece a um determinado padrão. E quando você o vê, sabe que é o seu.

Precisamos simplesmente reunir a coragem para ser mais criativos. As forças que nos submetem há muito tempo estão ocultas, mas somos capazes de vê-las e compreender sua natureza, e assim começar nosso trabalho.

A prática passa a existir assim que nos dispomos a assumi-la. E por meio dela as portas da mudança que você busca fazer se abrirão de par em par.

2. O Padrão e a Prática

Nossa vida segue um padrão.

Para a grande maioria, esse padrão foi estabelecido há muito tempo. Escolhemos adotar uma narrativa sobre conformidade e conveniência, a busca por status em um mundo caracterizado pela escassez.

Esse estado de coisas é uma decorrência da economia industrial. Somos incitados a consumir e obedecer. Confiamos no sistema e nas pessoas com as quais trabalhamos na medida em que estejamos dispostos a continuar trilhando o caminho que elas estabeleceram para nós. Desde cedo, somos submetidos a uma lavagem cerebral para aceitar e fazer parte dessa dinâmica.

A proposta é simples: caminhe etapa por etapa, e você conseguirá obter o resultado que lhe foi prometido pelo sistema. A jornada pode não ser fácil, mas, com esforço, está ao alcance de praticamente qualquer pessoa.

Com isso em mente, nos concentramos no resultado, pois é ele que nos certifica de que seguimos corretamente os passos. O sistema industrial que nos submeteu a uma lavagem cerebral exige que mantenhamos o foco no resultado como prova de que seguimos seus ditames.

Essa linha de ação faz sentido, desde que o resultado, confiável e previsível, realmente tenha importância e a recompensa seja uma certeza incontestável. Porém, o que acontece quando seu mundo já não é mais o mesmo?

De uma hora para outra, você não obtém o que lhe parecia assegurado. E as tarefas atribuídas a você não são tão envolventes como gostaria que fossem. O vazio da proposta é agora evidente. Você se impôs sacrifícios, dedicou-se de corpo e alma para alcançar recompensas cuja regularidade não é a prometida.

O trabalho importante, aquele que de fato queremos fazer, não vem com uma receita preparada. Ele segue um padrão diferente.

Essa prática está disponível para nós, não como uma mera receita substituta, que com certeza trará resultados, e sim como uma prática. É uma abordagem gradual e persistente que buscamos por ela mesma, e não em função do desejo de, em troca, ter algo garantido.

A receita para receitas não tem segredos: bons ingredientes, todos devidamente prontos para uso, atenção aos detalhes, calor, acabamento. É uma sequência. Mas quando algo é criado, não há uma linearidade tão definida, não se pode facilmente colocar por escrito.

Essa nova prática requer uma ação de comando, uma contribuição criativa, algo que *nem todos* podem produzir, que pode não dar certo, mas no qual vale a pena persistir. Algo a que com frequência dá-se o nome de “arte”.

O sistema industrial em que todos vivemos baseia-se em resultados. Trata-se de uma produtividade assegurada em troca de um trabalho enfadonho previamente direcionado. Mas se escolhermos ir atrás de resultados, temos à disposição uma jornada diferente. Esse é o caminho a ser seguido por aqueles que buscam mudanças, por aqueles que desejam fazer melhor.

A PRÁTICA

Um caminho caracterizado pela resiliência e generosidade. E que, embora voltado para fora, não depende de validações ou aplausos.

A criatividade é incapaz de fazer um bis de si mesma; não tem como. Ainda assim, a jornada criativa segue um padrão. É uma prática de crescimento e conectividade, de serviço e ousadia. É também uma prática de abnegação e ego, contrários que se abraçam em uma dança sem fim. A prática existe para escritores e líderes, professores e pintores. Fundamentada no mundo real, ela é um processo que nos leva aonde esperamos chegar.

Nessa prática, não há um chefe, não há um comando externo. E por isso mesmo requer de nós que confiemos em nós mesmos e, o mais importante, em nossos “*eus*”.

Está no Bhagavad-Gita: “Melhor seguir seu próprio caminho, por mais imperfeito que seja, do que seguir perfeitamente o de outra pessoa.” Note que as pessoas que encontraram a própria voz e causaram um verdadeiro impacto demonstraram práticas que, não obstante os diferentes caminhos percorridos, se sobrepõem de diversas maneiras.

No âmago da prática criativa está a confiança, a penosa jornada de confiar em seu “*eu*”, o frequentemente oculto eu, aquele ser humano único que habita em cada um de nós.

Identifique o padrão, encontre sua prática, e você pode começar o processo de fazer magia, sua própria magia. A magia da qual necessitamos aqui e agora.

3. Você Está à Procura de Algo?

A maioria de nós está.

Se nos importamos o bastante, nos mantemos à procura daquele sentimento, daquele impacto, daquela capacidade de fazer a diferença. E então prestamos mais atenção.

Adeptos não estão procurando. Eles estão apenas seguindo as pegadas das pessoas que vieram antes deles. Vá bem no teste, cumpra as instruções, suba o próximo degrau.

Líderes buscam tornar as coisas melhores, contribuir e encontrar um chão firme para colocar os pés. A chance de fazer a diferença, ser reconhecido e respeitado, tudo de uma vez.

Nossa cultura e o mundo em que vivemos são fruto dessa busca. Mais e mais pessoas se envolvendo e contribuindo, construindo juntas algo que vale a pena.

Vamos chamar isso de *arte*. A ação humana de produzir alguma coisa que pode não funcionar, que é generosa, que fará a diferença. A ação emocional de fazer um trabalho pessoal, autodirigido, para proporcionar uma mudança da qual podemos nos orgulhar.

Hoje em dia, as pessoas têm mais influência do que jamais tiveram no passado. Ferramentas e meios, numerosos e acessíveis, viabilizam avanços e possibilitam uma chance real de contribuir.

Sua parte é importante. Sua arte é importante.

Vale a pena lembrar a si próprio que a questão não é “eu consigo fazer arte?”, pois isso você já fez.

Você já demonstrou isso ao menos uma vez, contribuiu com alguma coisa que importava. Já soltou uma tirada engraçada que fez um amigo rir, ou quem sabe lotou o Municipal.

E agora precisamos que você faça isso de novo. Mas muito mais vezes.

Eis aqui a verdadeira questão: “Eu me importo o suficiente para fazer isso de novo?”

É como John Gardner escreveu: “Sociedades e organizações somente se renovam se houver alguém que se importa.”

4. Askida Ekmek

Askida Ekmek: tem pão no gancho. Trata-se de uma antiga tradição turca. Quando um cliente compra um pão na padaria local, tem a opção de pagar por um pão a mais; o dono da padaria entrega o do cliente e pendura o outro em um gancho na parede.

Caso uma pessoa necessitada entre na padaria, pode perguntar se tem alguma coisa pendurada no gancho, e assim, o pão é compartilhado, e sua fome é aliviada. E, talvez mais importante, cria-se, com esse costume, um senso de comunidade.

Quando você realiza um trabalho criativo, está resolvendo um problema. Não apenas para você, mas para aqueles que se depararem com o que fez.

Ao pendurar a si mesmo no gancho, você está sendo generoso. Está compartilhando percepções, amor e magia. E quanto mais

esse ato de generosidade se dissemina, mais pessoas que têm a sorte de experimentar sua contribuição se beneficiam.

Arte é algo que fazemos para os outros.

5. Encontrando uma Prática

Você tem um herói que é criativo? Alguém que regularmente lidera e inspira as pessoas? Eles podem ser dançarinos, cantores ou defensores dos direitos civis. Em todos os campos de atuação, alguns indivíduos se destacam como construtores do devir, como as vozes que ressoam o que está acontecendo no momento.

Só para citar alguns deles: Patricia Barber, Zaha Hadid, Joel Spolsky, Sarah Jones, Yo-Yo Ma, Tom Peters, Frida Kahlo, Banksy, Ruth Bader Ginsburg, Bryan Stevenson, Liz Jackson, Simone Giertz, Jonas Salk, Muhammad Yunus, Rosanne Cash, Greta Thunberg, John Wooden, Amanda Coffman — vivos ou mortos, famosos ou não, há agentes da mudança em todos os cantos de nossa cultura.

Ressalvadas as exceções de praxe, as carreiras e os processos de cada uma dessas pessoas são semelhantes. Elas diferiram no que fizeram, nas circunstâncias e no tempo entre nós, mas a prática permanece.

Nós também podemos adotar uma prática.

Talvez possamos descartar as receitas poderosas para o que significa fazer nosso trabalho. Talvez, em lugar de uma série de

A PRÁTICA

passos a serem seguidos, muito mais produtivo seria compreender de verdade como funciona o mundo que nos cerca.

Está em nossas mãos adotar uma prática. Eis a seguir as verdades surpreendentes que se escondem atrás de nosso desejo por resultados perfeitos, aqueles que receitas poderosas prometem, mas que ficam na promessa:

- Habilidade não é o mesmo que talento.
- Um bom processo pode levar a bons resultados, mas não os garante.
- Perfeccionismo nada tem a ver com ser perfeito.
- Validação é algo fútil.
- Arrogância é o oposto de confiança.
- Atitudes são habilidades.
- Bloqueio de escritor é algo que não existe.
- Profissionais trabalham com um propósito definido.
- Criatividade é um ato de liderança.
- Líderes são impostores.
- Uma crítica não é igual a outra.
- Ao entregarmos o trabalho, nos tornamos criativos.
- Bom gosto é uma habilidade.
- Paixão é uma escolha.

Ao longo deste livro, continuaremos a colocar verdades surpreendentes como essas, verdades que confrontam o que nos ensinaram sobre trabalho produtivo em um sistema fundamentado em conformidade e receitas já preparadas. Artistas têm sido ignorados, rejeitados ou humilhados por assumirem tais verdades, e isso porque elas funcionam. Essas verdades têm o condão de subverter a estrutura de poder dominante e, ao mesmo tempo, permitem melhorar as coisas para as pessoas às quais procuramos servir.

6. Aprendendo a Ser um Malabarista

Ensinei centenas de pessoas a ser um malabarista. Aprender requer uma constatação muito simples: apanhar a bola não é o xis da questão.

Nesse aprendizado, um erro recorrente das pessoas é se mover para pegar a próxima bola. Mas acontece que esse movimento faz você ficar fora de posição para o lance subsequente, e, com isso, a coisa toda desanda.

Em vez disso, a ideia é começar com apenas uma bola. E nada de prendê-la na mão. Ao contrário: jogue a bola para o alto, apanhe-a de volta e imediatamente jogue-a para cima de novo. E de novo, e de novo, e de novo. Faça isso vinte vezes com a mão esquerda, sem deixar cair no chão.

Em seguida, repita o exercício com a mão direita.

Pratique o modo como arremessa. Fique bom nisso. Quando estiver bom o bastante, o ato de pegar e arremessar fluirá naturalmente.

As bolas caindo no chão constituem a parte mais sofrida para quem está aprendendo malabarismo. Jogar uma bola para o alto e depois ficar lá parado vendo-a cair no chão causa muito desconforto. O anseio pelo resultado está profundamente enraizado, e para alguns, esse é o momento em que desistem. Eles simplesmente não conseguem suportar um processo que, de bom grado, ignora a questão do resultado.

Para os persistentes, no entanto, o processo ganha ímpeto rapidamente. Talvez quinze minutos depois, eles tentem repetir o procedimento com duas bolas. Apenas duas bolas e dois arremessos.

E então, sem estresse: lançar, pegar/lançar, pegar. Fica fácil. Sem problemas, porque os lances são como deveriam ser, ensaiados e consistentes.

O processo nos trouxe até aqui.

A última etapa, então, é adicionar uma terceira bola.

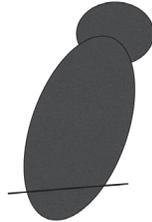
Nem sempre funciona, mas sempre funciona melhor do que outra abordagem, qualquer que seja.

Nosso trabalho é arremessar. O resto — pegar — pode cuidar de si mesmo.

7. Como Desenhar uma Coruja

Este é um meme clássico, baseado em um antigo manual de instruções de histórias em quadrinhos.

Como desenhar uma coruja



Passo 1: desenhe duas figuras ovais e uma linha



Passo 2: desenhe a coruja

A graça está em todos os outros passos que estão faltando. Quem não sabe desenhar duas figuras ovais e uma linha? Mas quase ninguém sabe desenhar uma coruja — eu com certeza não sei.

Isso põe em destaque nosso desejo de escapar da dor e da incerteza. O título promete instruir, tal como a vida. Porém, assim como a vida, o título mente para nós.

Para o trabalho importante, instruções são sempre insuficientes. Para o trabalho que gostaríamos de fazer, a recompensa provém do fato de que não há garantia de nada, que o caminho não está demarcado, e que não se pode ter certeza de que as coisas funcionarão a contento.

Trata-se não de apanhar, mas de arremessar. Não de terminar, mas de começar. Não de ser perfeito, mas de se aprimorar.

Ninguém aprende a andar de bicicleta lendo um manual. E ninguém aprende a desenhar uma coruja dessa maneira também.

8. É Preciso Coragem para Ser Criativo?

Damos a nós mesmos importância suficiente para nos colocarmos à frente de uma plateia, ou atrás de um teclado, e dizer: “Ei, eu fiz isto.” Para alguns, esse momento de ser julgado, em que nada somos além de um impostor que age como se tivesse a sensação de pertencimento, é opressivo.

É assim que, muito frequentemente, deixamos de lado uma vida criativa, uma chance de ser generosos, uma oportunidade de resolver problemas. Ou, se procuramos fazer isso, o fazemos cheios de dedos, lidando com a criatividade como se ela fosse um frágil truque de mágica, o presente da musa. Se temos que ser criativos, o fazemos com o olhar periférico: encarar a magia diretamente é assustador.

Isso é um despropósito.

Não tem que ser desse jeito. Não temos que ficar esperando para sermos escolhidos ou sentir nossa vocação brotando dentro da gente. E certamente não temos que acreditar em magia para criar magia.

Em vez disso, podemos tomar como exemplo o processo dos criativos bem-sucedidos que nos precederam. Podemos nos lançar em uma jornada com os olhos bem abertos, confiando no processo e em nós mesmos para oferecer nossa melhor contribuição.